FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

THESE

APRESENTADA Á

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Em 30 de Outubro de 1909

para ser defendida por

Angelo de Lima Godinho Santos

Natural do Estado da Bahia

Filho legitimo do Dr. Fabio Lyra dos Santos e D. Enedina de Lima Godinho Santos

Afim de obter o grao

DE

Doutor em Medicina

DISSERTAÇÃO

Cadeira de Hygiene

Influencia da prostituição sobre a sociedade actual

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de Sciencias Medicas e Cirurgicas

BAHIA

IMPRENSA ECONOMICA

16 — Rua Nova das Princezas — 16

1909

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

DIRECTOR — *Dr. Augusto C. Vianna*
VICE-DIRECTOR.— *Dr. Manoel José de Araujo*
SECRETARIO.-- *Dr. Menandro dos Reis Meirelles*
SUB-SECRETARIO.-- *Dr. Matheus Vaz de Oliveira*

LENTES CATHEDRATICOS

1.ª SECÇÃO

Os Illms. Srs. Drs.	*Materias que leccionam*
J. Carneiro de Campos..........	Anatomia descriptiva
Carlos Freitas..................	Anatomia medico-cirurgica
2.ª SECÇÃO	
Antonio Pacifico Pereira.........	Histologia
Augusto C. Vianna.............	Bacteriologia
Guilherme Pereira Rebello......	Anatomia e Phisiolog. pathologicas
3.ª SECÇÃO	
Manoel José de Araujo..........	Physiologia
José E. Freire de Carvalho Filho.	Therapeutica
4.ª SECÇÃO	
Luiz Anselmo da Fonseca.......	Hygiene
Josino Correia Cotias............	Medicina legal e toxicologia
5.ª SECÇÃO	
Antonino Baptista dos Anjos..	Pathologia cirurgica
Fortunato Augusto da Silva Junior	Operações e apparelhos
Antonio Pacheco Mendes.......	Clinica cirurgica 1ª cadeira
Braz Hermenegildo do Amaral....	» » 2ª »
6.ª SECÇÃO	
Aurelio R. Vianna............	Pathologia medica
João A. Garcez Froes...........	Clinica propedeutica
Anisio Circundes de Carvalho.....	Clinica medica 1.ª cadeira
Francisco Braulio Pereira.........	» » 2.ª »
7.ª SECÇÃO	
José Rodrigues da Costa Dorea...	Historia natural medica
A. Victorio de Araujo Falcão....	Materia medica, Pharmacologia e Arte de formular
José Olympio de Azevedo........	Chimica medica
8.ª SECÇÃO	
Deocleciano Ramos.............	Obstetricia
Climerio Cardoso de Oliveira...	Clinica obstetrica e gynecologica
9.ª SECÇÃO	
Frederico de Castro Rebello	Clinica pediatrica
10.ª SECÇÃO	
Francisco dos Santos Pereira.	Clinica ophtalmologica
11.ª SECÇÃO	
Alexandre E. de Castro Cerqueira	Cl. dermatologica e syphiligraphica
12.ª SECÇÃO	
L. Pinto de Carvalho..........	Clinica psychiatrica e de molestias nervosas
João E. de Castro Cerqueira.....	em disponibilidade
Sebastião Cardoso............	em disponibilidade

LENTES SUBSTITUTOS — *Os Snrs. Drs.*

1.ª secção. J. A. de Carvalho	7.ª secção Pedro da L. Carrascosa e José J. de Calasans
2.ª » Gonçalo M. S. de Aragão	8.ª » José Adeodato de Souza
« » Julio Sergio Palma	9.ª » Alfredo F. de Magalhães
3.ª » Pedro Luiz Celestino	10.ª » Clodoaldo de Andrade
4.ª » Oscar Freire de Carvalho	11.ª » Albino A. da Silva Leitão
5.ª » Caio Octavio F. de Moura	12.ª » Mario de C. da Silva Leal
6.ª »	

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões exaradas nas theses pelos seos auctores.

PROLOGO

NO seculo que atravessamos, na sociedade corrupta em que vivemos, onde não se apreciam as qualidades que engrandecem o homem; onde a hypocrisia e a mentira, a falsidade e a calumnia imperam como verdadeiros idolos; onde finalmente se contam as consciencias puras—forçosamente mal recebidas hão de ser todas as idéas nobres e humanitarias.

Si em vez do assumpto que nos vae servir de thema, tivessemos escolhido outro que melhor se prestasse a elogiar áquelles que sómente a nossa critica merecem, que não nos levasse a descobrir e examinar tantas vergonhas, que finalmente nos poupasse o sacrificio de dizer tão duras quão crueis verdades—contariamos sem duvida com a approvação de todos e teriamos plena convicção de que somente applausos coroariam o nosso trabalho.

Mas não é este o nosso desejo, não é isso o que queremos: mil vezes preferimos a critica apaixonada, a receber applausos immerecidos—remuneração de verdades occultadas.

Não penseis porém, leitor, que escolhendo semelhante assumpto para thema do nosso trabalho—o fizemos estimulados pela ostentação ou pelo desejo de salientarmo-nos; não penseis tambem que ides encontrar n'elle as bellezas de um discurso, as inspirações de um poeta, as flores de uma rhetorica aprimorada, as bem architectadas phrases de um

cerebro original, ou as lindas peripecias de um romance. Absolutamenre não.

O nosso desejo é fazer com que se leve em consideração o bem estar do povo, o futuro da nossa geração, que incontestavelmente são problemas sociaes de maxima importancia; despertando do somno lethargico em que parecem mergulhados aquelles que, ligando maxima importancia a futilidades se esquecem no emtanto das cousas mais necessarias e importantes.

Vamos para isto estudar superficialmente embora ou, melhor ainda, esboçar, o problema social—*prostituição*—analysando as suas causas, commentando as consequencias da sua existencia e aconselhando finalmente os meios de que se deve lançar mão para, senão exterminal-a de prompto, pelo menos diminuir a sua intensidade.

Si *a these* não fosse o que infelizmente é entre nós; si não fosse nullo, para bem dizer, o seu valor, não só para o publico, como ainda para a maioria d'aquelles que a têm de julgar; si finalmente fossem os nossos esforços levados em consideração e si contassemos com bôa vontade da parte dos nossos mestres—talvez ligando mais importancia ao facto, nos esforçassemos para um melhor trabalho apresentar.

Mas, para que esforços e sacrificios—si ninguem os reconhece? si ninguem os leva em consideração?

Desculpae portanto, leitor, relevae as lacunas existentes n'este humilde trabalho, deficiente pela escassez de tempo de que dispozemos para a sua elaboração, como ainda pela falta de um guia que nos encaminhasse n'esta rota; sêde condescendente com isto que aqui está: é o producto de nossos esforços.

O AUCTOR.

DISSERTAÇÃO

(CADEIRA DE HYGIENE)

Influencia da Prostituição

SOBRE A

Sociedade actual

I CAPITULO

Ligeiras considerações sobre a prostituição e estudo das suas principaes causas

Para procedermos um estudo minucioso e completo do problema da prostituição, faz-se mister collocarmo-nos acima de todos os preconceitos hypocritas d'aquelles que, vendo o perigo, reconhecendo-o como tal, e suas causas, desprezam-no como cousa sem importancia, como um mal que não vale á pena combater.

Faz-se mister ainda esquecermo-nos do atrazo em que vivemos, e, desprezando as accusações injustas que se nos possam fazer — proseguiremos analysando os factos e commentando-os com criterio e imparcialidade.

E' preciso finalmente collocarmo-nos em esphera superior e não deixarmo-nos invadir por sentimento algum que de algum modo influencie sobre o nosso modo de pensar.

Embora repugnante e asqueroso, devemos reconhecer que é de maxima e imprescindivel necessidade, o estudo d'esse flagello, d'esse cancro social, não só

pela funesta influencia que exerce na especie humana degenerando-a physica e moralmente, mas tambem pelos extraordinarios progressos que presentemente faz alastrando-se com pavorosa intensidade.

A prostituição, effeito da fragilidade humana, é um facto real que reside na sociedade a mais civilizada, e cuja origem se perde na obscuridade dos tempos.

Onde, porém, ella attingio o seu apogêo, onde grassou com mais intensidade—podemos sem receio de errar dizer que foi na antiguidade entre os Gregos e Romanos.

A impudicicia e a immoralidade eram o caracter principal dos costumes romanos. Si Roma foi a admiração dos povos em grandeza—muito mais o foi ainda em libertinagem.

Quem desconhece as immoralidades e crimes dos Imperadores romanos?

Quem ignora que Roma foi o theatro das mais torpes obscenidades d'aquelles tempos?

Donde se pode deduzir, portanto, que, si não se pode apontar precisamente o verdadeiro berço da prostituição; si póde indicar o seu fóco mais importante, o ponto de onde ella se irradiou para todo o mundo.

Semelhante vida, si é possivel assim se classificar, deve ser considerada o estado mais repugnante, degradante e vil, a que a infelicidade pode fazer descer a mulher.

E será ella culpada? é ella por isso merecedora do nosso desprezo ou da nossa compaixão?

Eis uma questão que se nos apresenta ao encetarmos o nosso estudo.

E' a prostituida um ser desprezivel, de instinctos máos, digno do nosso desprezo?

Absolutamente não.

Si quizermos estudar o que são essas infelizes, não as procuremos nas ruas, nem no exercicio da sua ignominiosa profissão, porque, revoltados pelo seu impudor e pelas obscenidades que praticam, não faremos d'ellas o conceito que verdadeiramente merecem: poderemos crer que acham razoavel a profissão que usam, que não lhe têm antipathia alguma e que se vangloriam até de seu estado.

Mas não é n'essas occasiões que se deve examinar o espirito d'estas mulheres.

E' nos seus momentos de soffrimento, nas circumstancias difficeis da sua vida, quando a desgraça as arrasta para o hospital — que são dignas de estudo — pois é somente quando se pode descobrir o que se passa em su'alma e quanto é doloroso para ellas o peso da sua ignominia.

A prostituida quasi nunca é uma mulher má, — é a nossa sociedade que a faz assim ; é a nossa pessima organisação social que a prostitue.

Máos somos nós, que surdos aos gemidos daquelles que mereciam a nossa compaixão, não trepidamos muitas vezes em explorar covardemente a miseria ; má é a nossa desorganisada sociedade que não leva em consideração os direitos do pobre ; máos e mais ainda perversos são os nossos governos que não procuram melhorar a sorte do proletariado,

proporcionando-lhe meios para mais facilmente ganhar o necessario para a satisfação das suas justas necessidades.

Senão vejamos :

E' a miseria, é a falta de educação e finalmente a falta de justiça, que, como poderosissimos elementos, extraordinariamente concorrem para a existencia da prostituição e nos alastrar com o seu enormissimo cortejo de consequencias funestas.

Quantas e quantas vezes, confrange a alma em dizel-o : uma pobre mulher prostitue-se para acalmar a fome de innocentes filhinhos ou mesmo a sua ?

Abandonada, repellida por todos, não encontrando um coração amigo que a encorage, uma alma caridosa que a proteja, atormentada pelas angustias dos filhinhos que morrem á fome e não encontrando meios com que possa honestamente ganhar a vida — ella, a mulher honrada, a mãe de familia exemplar, que, acima de tudo collocava a sua honra e a sua dignidade, e que com todas as forças luctava para conserval-as impollutas, sem macula — de tudo se esquece e se prostitue.

Quantas e quantas vezes ainda uma pobre virgem prostitue-se fazendo o maior e o mais sublime dos sacrificios ?

E' muitas vezes uma desgraçada que, inesperadamente, transformada em o arrimo da familia, lança mão de semelhante profissão para salvar seu pae que agonisa á fome, sua mãe enferma da mais horrivel das mortes, do mais atroz dos supplicios — *a inanição*.

E é preciso que assim procedam, porque para a

mulher que se vê na contingencia de prover pelo trabalho as necessidades da vida, na nossa sociedade (como em toda sociedade desorganisada) a virtude, ao envez de constituir um titulo de recommendação, é pelo contrario um obstaculo á consecução dos seus designios.

E' a mulheres d'estas que, muitas vezes, a sociedade crimina e despreza — ella — causa da sua desgraça, unica responsavel pela sua infelicidade.

Uma mulher prostituida nessas condições é o opprobrio da sociedade e dos governos que não procuram remediar tamanha miseria, é uma martyr, uma victima da nossa desorganização social, da degenerescencia do nosso moral.

A miseria age ainda indirectamente de um modo tambem efficaz, obrigando o proletario a viver na mais repugnante promiscuidade. Não só pae, mãe e filhos habitam o mesmo quarto, mas ainda ahi dormem e muitas vezes no mesmo leito e os sentimentos do pudor assim vão desapparecendo. Os filhos testemunham as relações sexuaes dos paes, executadas ás mais das vezes sob o aspecto mais bestial, sendo-lhes despertado deste modo, muitas vezes antes de tempo, o instincto sexual.

Que poderão ser crianças assim educadas senão mulheres sem pudor, senão prostitutas futuras?

A miseria obriga ainda em muitas occasiões as mães venderem a honra das filhas, sacrificarem a sua virgindade para obter muitas vezes apenas o necessario para a satisfação das necessidades de um só dia!!!

Ah ! humanidade desgraçada, eu te lamento — negro e bem negro é o fim que te espera ! ! A tua rehabilitação é impossivel e é por isto que acertadamente pensa Tolstoi quando pede o teu desapparecimento.

Talvez nos objecteis no entanto que não são somente as pobres e miseraveis que se prostituem, que muitas ricas de esmerada educação tambem assim procedem.

Mas com estas não deveis argumentar, não só porque são em numero muito limitado (tanto assim que o Dr. Duchatelet observou apenas 4) como ainda porque são individuos pathologicos, de organização doentia: hystericas, nymphomanas e finalmente hyperesthesiadas sexuaes.

Esses individuos já constituem consequencia da nossa degenerescencia; são geralmente descendentes de organizações degeneradas: alcoolatras, hystericos, epilepticos, etc.

Não se deve, porém, abandonal-os; elles tambem corrompem os costumes, pervertem a moral, desorganizam as sociedades.

Miseria — eis, portanto, um dos mais solidos sustentaculos sobre que está assentada a prostituição.

Não é, porém, a miseria, como já o dissemos, a causa unica da prostituição — muitas outras existem que poderosamente tambem concorrem para semelhante fim.

A falta de educação, por exemplo, é uma dellas; tanto assim que si estudarmos de perto as meretrizes,

procurando observar os seus actos; havemos de vêr que quasi todas, senão todas não têm educação alguma.

E isto facilmente se explica:

O cerebro da mulher é muito menos plastico que o do homem, tornando-se por isto mais facilmente escravo do habito.

Si, portanto, uma mulher fôr desde sua infancia educada num meio pervertido, torna-se impossivel, é claro, conduzil-a mais tarde a uma vida honesta, ao cumprimento dos seus deveres sociaes.

Que poderão ser, portanto, essas criancinhas que nascem e vivem nos bordeis? Que poderão ser crianças, muitas ainda impuberes, na inconsciencia dos primeiros lampejos da vida, que vivem pelas ruas, ouvindo os ataques á moral, assistem ás obscenidades dos animaes libidinosos das vias publicas — senão prostitutas?

A falta de repressão severa aos defloramentos grande contingente presta a esta perniciosa instituição. As leis penaes que são rigorosas para o menor attentado aos interesses materiaes, não punem porém, aquelles que, da virgem que poderia ser uma mãe de familia honesta, feliz e exemplar — fazem uma desgraçada, uma infeliz e muitas vezes uma criminosa.

Que poderá fazer uma pobre rapariga inexperiente, seduzida, retirada do lar, deshonrada e abandonada sem recursos?

Incapaz de qualquer iniciativa nobre, envergonhada da falta commettida, sem a coragem necessaria para supportar as suas consequencias, avaliando o peso do seu infortunio, medindo a profundidade do

abysmo em que cahiu—atira-se ao mundo depravado que de braços abertos a recebe e se prostitue.

Pode-se culpar uma mulher prostituida nessas condições ?

Absolutamente não.

A unica culpada e sobre quem deve recahir toda a censura— é a justiça publica, que cega muitas vezes por conveniencias torpes, não obriga esses miseraveis seductores a reparar as faltas commettidas.

Si nós homens, que somos indiscutivelmente dotados de mais energia, que além disto recebemos uma educação que nos prepara para os combates da vida, sentimo-nos desanimados quando achamo-nos em conjecturas difficeis, que esperar de um ser fraco, como a mulher, por educação e por indole ?

Justiça— sonho irrealisavel, cuja existencia é um mytho neste paiz ! !

Como poderás existir, se és incompativel com a fraqueza de espirito, com o servilismo, com a baixeza de sentimento — e estas são as qualidades que caracterizam a sociedade actual ? Como poderás existir, si nem mesmo aquelles que te representam te comprehendem para te elevar ?

Não, não existes nem sabemos si existirás nunca no seio de um povo tão moralmente degenerado. Acreditar em ti é sonhar, é desconhecer os factos de todos os dias que a todo o momento observamos, é não ser sincero, é não dizer a verdade.

Existes somente para os pobres, os desprotegidos e miseraveis — não para defender os seus direitos, não para observancia fiel da lei; mas sim para cas-

tigal-os, perseguil-os quando coagidos pelos *grandes e potentados* tiverem movimentos de reacção.

A prostituição, portanto, é um attestado da nossa degenerescencia e tem como causa a nossa pessima organisação social.

CAPITULO II

Consequencias da existencia da prostituição e estudo — critico da regulamentação

> —Ah! n'insultez jamais une femme qui tombe;
> Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!
>
> VICTOR HUGO.

Seja como fôr considerada, mal necessario, miseria social por deficiencia economica (Barthelemy), equivalente feminino da criminalidade (Lombroso)—a prostituição é o nosso maior e mais terrivel inimigo, o berço de todas as desgraças que nos flagellam, a causa da nossa degenerescencia physica e moral.

Ella não é somente o effeito da nossa desorganização social—é tambem a sua causa.

Si ella não existisse, não viveriamos n'este descalabro social em que estamos e que dia a dia mais se accentúa, nem teriamos de corar ante tantas vergonhas moraes que nos assoberbam.

Só aos desnaturados ella não entristece, não fala ao coração o estado actual da nossa sociedade; só aos degenerados não horroriza e revolta a desorganização social em que vivemos.

Por toda parte a hypocrisia e a mentira, a devassidão e o cynismo; difficilmente se encontram consciencias puras; constituem excepções rarissimas os caracteres independentes, os homens de brio e sentimentos: tudo é servil, baixo e sem valor. A propria mocidade—sempre independente, valorosa e altiva—não possue mais aquelles arrojos que tanto outr'ora a elevavam e distinguiam:

Estragados pelas orgias, viciados e pervertidos—os moços não se interessam mais pelas causas justas e humanitarias, nem tão pouco trabalham em beneficio da humanidade e da Patria; educados em ambientes contaminados—ás palestras intimas familiares—preferem os desvarios prejudiciaes, a devassidão escandalosa, a convivencia com a prostituição.

Antigamente o homem até a idade de sua emancipação, e podemos dizer, durante toda a vida tinha um certo recato social, uma consideração aos preceitos da mais rudimentar educação, uma veneração á experiencia e á velhice.

A mocidade francamente se oppunha pela palavra, pela imprensa, por actos seus aos desmandos, ás injustiças publicas, aos absurdos, a tudo emfim, contra a razão e o direito.

Actualmente, porém, nada disso acontece. As crianças parecem refractarias ao pudor: immoraes e mal educadas, a ninguem respeitam; commettem os actos mais indecentes, as scenas mais revoltantes do cynismo e da immoralidade. Rebaixada a todo o momento, offendida muitas vezes nos seus brios—a mocidade—não se levanta mais—physica e moralmente

degenerada não tem mais aquella antiga energia para luctar, independencia para, desprezando os interesses individuaes, defender as causas justas e humanitarias. O servilismo, a baixeza de caracter, a fraqueza de espirito quasi que constituem o caracter principal dos homens da actualidade.

A familia, essa instituição poderosa, que para bem dizer, constitue a base, o alicerce, o sustentaculo indispensavel de todas as sociedades bem organizadas—desprestigiada, está prestes a desapparecer asphyxiada pela compressão da lei moral.

Sondemos o espirito dos moços, procuremos estudar o conceito que d'ella fazem que por uma cruel e amarga decepção havemos de passar:

O casamento para elles é uma cousa sem importancia, desnecessaria e sem valor; e no caso de contrahil-o só quando cansados das orgias, aborrecidos afinal de desfructar a vida; ou como meio de arranjar uma enfermeira que lhes vele os ultimos momentos, ou um novo cofre que lhes proporcione meios para de novo entrarem na devassidão.

Si a prostituição não existisse sob outro aspecto tudo se nos apresentaria

A mocidade sã physica e moralmente transmittiria aos seus descendentes uma organização relativamente bôa, em melhor meio educada, possuindo melhores costumes não se deixaria entorpecer pelos sentimentos que amesquinham o homem—tornando-o refractario ás idéas nobres e alevantadas;

A sociedade—libertada das garras de tão impla-

cavel inimigo — seria outra, não estaria tão desorganizada e seriam respeitadas as suas instituições.

Si não são ainda bastantes para nos horrorizar e revoltar esses desastres sociaes produzidos pela prostituição—penetremos no sacrosanto ambito dos lares, nos hospitaes, nas casas de saude — que, horrorizados e revoltados, havemos de reconhecer a necessidade imprescindivel de exterminal-a, de fazel-a desapparecer.

E' ella que nos fornece *a syphilis*—molestia inclemente que desapiedadamente transforma o semblante risonho de um joven em o rosto enrugado e triste de um velho; que não trepida em macular a face de uma recem-casada com o estygma da sua acção malfazeja; molestia execravel que não poupa a innocencia, nem a virgindade e que, levando mais além a sua maldade, vae muitas vezes matar nas entranhas de mãe carinhosa o fructo ambicionado do seu amor.

E' ella a lepra da epoca, molestia horrivel, medonha, que desfigura o physico e destroe o moral—imprimindo á descendencia um cunho de degradação ou miseria.

De todas as molestias que podem affectar a especie humana, e que produzem na sociedade notaveis estragos — não existe uma só mais terrivel que ella; os seus damnos são, sem comparação, superiores aos occasionados por todas as epidemias que de vez em quando nos assaltam. Esses flagellos são geralmente passageiros, longos intervallos separam as suas apparições e parecem dar preferencia aos velhos, aos enfermos, a estes seres debeis, inuteis á sociedade e que não teriam ainda muitos annos de vida.

A syphilis, porém, não nos abandona — é encontrada sempre e por toda parte. Ella não mata immediatamente, é verdade, como muitas outras molestias, mas isto não impede que o numero de suas victimas seja extraordinario. Os seus estragos não têm interrupção e ella parece preferir esta parte da população que por sua idade, constitue a riqueza e a força do paiz. Além d'isto ella não se limita somente ao individuo, exerce a sua influencia prejudicial sobre sua descendencia, tanto assim que:

« O casamento de um syphilitico, quer a infecção seja nova, quer velha, si esse individuo, dada a hypothese algumas vezes observada, não produzir uma geração homologa, isto é, syphilitica, na maioria dos casos produzirá uma prole de combalidos physiologicos portadores de uma miseravel constituição. E' assim que a syphilis determina o rachitismo, as dystrophias, constituindo uma especie de dyscrasia nativa, um estado de consumpção, de predisposição a todos os processos que derivam de uma vitalidade deficiente.»

Como acabamos de ver, portanto, não são os frequentadores dos lupanares somente quem paga o tributo dos seus desvarios; si algumas vezes são elles castigados, muitas, porém, é victimada a innocencia, a virgindade e assim sacrificado o futuro de uma geração.

Quantas recem-casadas transformadas em verdadeiros monstros!!!

Ora é uma, a quem terrivel gomma syphilitica, destruindo completamente o nariz, dá-lhe ao semblante o mais horripilante aspecto; ora é uma outra paraly-

tica; ora é ainda uma terceira de outro modo deformada. E poderiamos escrever até um tratado, si nos dispuzessemos a arrolar todos os casos frequentemente observados.

Quantas criancinhas inutilizadas — portadoras de uma miseravel constituição!!! Quantos abôrtos exclusivamente devidos á acção perniciosa da syphilis!!!

Como acabamos de vêr — a syphilis—esse terrivel flagello, que tanto nos horrorisa e tantos males nos causa, é um dos muitos inimigos que a prostituição nos fornece.

Não penseis, porém, que são somente estas as desgraças occasionadas pela syphilis — ella dá logar ainda á manifestação de outras, mais prejudiciaes talvez, relativamente ao nosso moral degenerando-o, pervertendo-o e viciando-o.

Isto é claro, evidente, deduzido da propria natureza dos factos:

Um organismo enfraquecido, desprovido de elementos indispensaveis á sua conservação, ou possuindo estes elementos, porém, alterados—forçosamente ha de degenerar. E é cousa por demais sabida que, quasi sempre, a degenerescencia physica acarreta como consequencia a degenerescencia moral.

Somos um povo moralmente degenerado e podemos, sem receio de errar, considerar esta degenerescencia como consequencia da outra.

Mas, talvez nos objecteis, como podemos ter sido sãos, physica e moralmente, sendo a syphilis como acabastes de dizer a causa de tudo isto—si ella acom-

panha a humanidade desde o seu inicio, si a sua origem se perde na immensidade dos tempos?

E' que ella não assolava com a intensidade com que campeia; é que a sua fonte não se tinha alastrado tanto quanto actualmente.

....

E' a prostituição ainda que nos fornece as demais molestias venereas com o seu enormissimo cortejo de consequencias funestas.

Quantos jovens ainda na primavera da vida e já completamente arruinados!!! Ora é um, cujas articulações quasi inutilizadas por um rheumatismo blennhorragico, transformado em velho ou paralytico; ora é outro, a quem persegue terrivel blennhorragia chronica e que estreitado tem de se submetter a uma operação ou ficar para toda a vida inutilizado; ora é ainda outro definhado, acabado, enfraquecido, por causa de uma adenite suppurada, proveniente de uma infinidade de cancros venereos que teve; ora é finalmente outro que repentinamente morre victimado por uma affecção cardiaca de origem gonococica. E seria por demais fastidioso si nos dispuzessemos a enumerar todas as consequencias que semelhantes enfermidades produzem na especie humana.

....

Não são estas somente as consequencias da existencia de tão perniciosa instituição: ella exerce ainda outras não menos graves relativamente á vida e á saude das desgraçadas que d'ella se utilisam como meio de vida.

« Eis um vulto que passa; tem a pallidez da morte

o seu tetrico semblante; cingindo a sua fronte macillenta está um diadema composto de pequenas papulas; a sua cabeça inteiramente calva, mostrando depressões e saliencias, lembra a superficie ligeiramente concava das aguas que dormem em completa quietude; os seus olhos fundos e brilhantes são como dous fócos que amedrontam e aterrorizam; o seu nariz completamente destruido dá-lhe ao semblante o aspecto de um verdadeiro monstro; a sua bocca sem dentes simula uma cratéra sempre prompta a tragar quem d'ella se approxima; traja farrapos e quasi núa com difficuldade se arrasta, qual repugnante verme de horripilante aspecto.

Approximae e ouvi a sua historia:

Assim como me vêdes, diz ella, não sois capaz de imaginar que já fui moça e bonita; tive no meu semblante, não essa pallidez cadaverica que aterroriza e repugna, mas a bella côr dos jasmins; ornava a minha fronte, não esta corôa de manchas que me vêdes, mas uma corôa de flores; tive implantada n'esta cabeça, hoje tão horrivel, a mais linda cabelleira que se pode imaginar; em vez d'esta cicatriz horrivel que me transforma o semblante, esculptural nariz me embellezava o rosto; que esses olhos que aterrorizam a quem de mim se approxima, eram o iman que para mim attrahia todos que me viam; que esta bocca sem dentes, que me dá o aspecto da morte, era outr'ora ornada por duas filas de eburnizados dentes; que em vez d'estes andrajos que em mim vêdes, ricos vestidos me cingiam o corpo.»

E quereis saber a transformação que se operou em minha vida, por que sou assim desgraçada?

Porque em um momento de loucura, abandonei os meus e me prostitui. Foi a prostituição a causa da minha desgraça, de todas estas miserias que me acabrunham.

Si não sois ainda um pervertido, em quem já não existe consciencia; si a vossa sensibilidade não se limita exclusivamente aos sentimentos do vosso «eu» —dizei-me si é ou não doloroso ouvir-se historias da natureza d'esta?

Por mais propicia que seja a qualquer d'essas infelizes, a sorte — é sempre o leito miserando de um hospital, a miseria e a fome — o fim que as espera — o epilogo das suas existencias.

Cêdo se lhes foge a mocidade, levando comsigo as suas graças e encantos — e vem então a velhice e com ella as molestias — consequencias dos excessos praticados. E então abandonadas, arrependidas e miseraveis imploram a caridade publica ou recolhem-se a uma casa de saúde. E é n'essa occasião que reconhecem o mal que praticaram, que se maldizem e muitas vezes até enlouquecem ou lançam mão do suicidio como lenitivo final aos seus males.

Essas infelizes são predispostas, além d'isso, a um grande numero de molestias, que, sem fallar na syphilis e nas demais molestias venereas que tanto as perseguem, podem muito bem ser consideradas como o resultado da profissão que usam; que são para ellas o mesmo que a collica metallica, por exemplo, é para os individuos que preparam e manejam os saes de chumbo. Entre outras poderemos citar as molestias do utero, e especialmente a leucorrhéa habitual, o

engorgitamento do collo e a inflammação catarrhal da membrana mucosa da cavidade uterina.

. . . .

E' a prostituição ainda que absorve do ambulo sagrado do lar o que ha de mais verdadeiro no santuario da familia — os deveres moraes — e que desorganiza a sociedade, estabelecendo a desigualdade dos direitos dos sexos.

Entre os povos selvagens a mulher não passa de uma escrava. Na Australia, por exemplo, ella é considerada como um animal domestico destinado a satisfazer os prazeres sexuaes, á reproducção, e, havendo necessidade, a servir de alimento. Nas ilhas Fidji — ella é considerada como uma propriedade, póde ser vendida e o seu comprador dispõe d'ella como quizer, podendo até matal-a sem que haja n'isto criminalidade alguma.

Não nos admiremos, porém, pois seria necessario que fossemos incoherentes para d'esse modo proceder.

Com que direito nos admirarmos, nos revoltarmos, si quasi do mesmo modo procedemos?

Si não procedemos como os selvagens, de cerebros em trevas, de consciencia embrutecida, incapazes de admirar o valor e a sublimidade de tão indispensavel elemento, não nos distanciamos muito d'elles.

A mulher é para nós o mesmo que para elles — uma escrava. Não a escrava obrigada a trabalhar para o nosso sustento, não a escrava que pode ser vendida e utilizada como um objecto qualquer; mas sim a escravizada a quem negamos quasi todos os direitos e empolgamos a liberdade — que póde ser até

muitas vezes ultrajada sem que haja nisto criminalidade alguma.

Não penseis que somos d'aquelles que entendem dever se lhe dar os mesmos direitos que presentemente gosamos. Absolutamente não. Desejar isto seria pedir o esphacelamento das sociedades — asphyxiar a verdade e a moral.

O que entendemos ser de justiça é que se approximem os seus direitos aos nossos — privando-nos de certas liberdades que além, de exhorbitantes e absurdas, são prejudiciaes e nocivas.

Por que motivo despreza a sociedade a mulher que se prostitue, quando de braços abertos recebe em seu seio os homens que a prostituiram e os que d'ella se utilizam?

Por que razão póde o homem concorrer para a prostituição e a mulher não? Por que motivo consideram-na como necessidade para elle — quando consideram-na illicita e até criminoza para ella?

– Por ventura não são as mesmas as suas necessidades?

Então nós que, indiscutivelmente, somos dotados de mais energia, possuimos uma força de vontade superior a sua, finalmente somos menos dominados que ellas pelas imagens sexuaes — gozamos d'esse direito e ellas não?

A prostituição estabelecendo a desigualdade dos direitos dos sexos póde dar logar á manifestação da mais negra de todas as miserias que nos ferem — o adulterio.

Uma mulher que ama loucamente o marido, que tudo faz por elle, todos os meios emprega, desde o mais simples carinho ao beijo mais ardente e apaixonado, pára captivar-lhe a sympathia — e se vê desprezada; não ignorando que elle é um dissoluto que prefere as companhias prejudiciaes á d'ella, que dá mais valor ao descaramento d'essas infelizes que ao seu acanhamento natural e eloquente, que prefere finalmente o goso em companhia da mais repugnante prostituta a passar no doce aconchego do lar, forçosamente ha de revoltar-se e procurar vingar-se. E vinga-se, fazendo-o passar pelos mesmos transes: rebaixando-o, desprezando-o e maculando-lhe a dignidade do mesmo modo que elle macula sem pudor a sua. E' a revolta do amôr-proprio a causa de semelhante rasgo de loucura e desespero.

A prostituição dá logar a outra especie de adulterio — produzido pela esterilidade do homem. Toda a mulher deseja ser mãe. Este instincto da maternidade exerce uma influencia preponderante sobre os destinos d'ella.

A mulher, portanto, que tem a infelicidade de consorciar-se com um homem, a quem a prostituição tornou esteril, desejando procrear e reconhecendo que o seu marido é um inutilisado — procura um amante exclusivamente para a satisfação d'essa necessidade natural.

E' caso observado: ha mulheres adulteras regeneradas após o nascimento do primeiro filho.

II

O que nos deve admirar depois do que acabamos de expôr — é que existam ainda hygienistas que considerem a prostituição como indispensavel e necessaria.

Fundamentam semelhante paradoxo argumentando que é impossivel obstar a sua existencia « desde quando não se póde annular os impulsos naturaes.»

Não commentamos semelhante opinião, por não julgarmol-a digna de apreciação.

Individuos que consideram a prostituição como meio licito de satisfazer o appetite sexual, que não reconhecem a nullidade de semelhante copula e as suas consequencias funestas — só podem ser individuos depravados, celibatarios inimigos da moral.

O professor Forel, summidade medica suissa, que foi até hoje quem melhor tem estudado o appetite sexual — « acha preferivel o onanismo methodico a copula com uma prostituta qualquer.» E argumenta da seguinte maneira, que incontestavelmente parece logica: Si lá, isto é, no onanismo existem perigos, aqui tambem elles existem, notando-se, porém, que lá para haver perigo é necessario que haja abuso, ao passo que aqui basta uma só vez para inutilisar para toda a vida um individuo.

Apezar de bem raciocinado entendemos ser um pouco defeituoso ou falho esse modo de pensar ; visto como não ha necessidade do onanismo — desde quando o homem póde muito bem conservar-se casto até o momento em que a sua condição social permitta que

elle contraia uma ligação licita, sem que perturbação alguma, quer de ordem physica, quer moral se passe em sua organização.

Referimo-nos, está claro, ao homem normal, não ás naturezas pathologicas, nas quaes o appetite sexual está degenerado, pervertido ou viciado. Não somos nós somente quem d'esse modo pensa — comnosco si erramos erram tambem sabios, scientistas notaveis, do valor dos Drs. Paul Guod, Perier, Krafft-Ebing, Acton, etc.

O Dr. Paul Guod, por exemplo, se exprime da seguinte maneira, numa sua obra intitulada «Hygiene e moral» : *Je vous mets au defi, de me trouver dans toute l'histoire de la medicine, chez tous les peuples, une seule maladie, vous entendez bien, une seule, qui puisse être causée par l'abstention des rapports sexuels.*»

E' um mestre, é um sabio, é um scientista notavel que assim se exprime.

A abstinencia das relações sexuaes — dizem alguns ignorantes — produz como consequencia inevitavel a atrophia dos testiculos com os seus funestos resultados.

Isto, porém, não é verdade, desde quando, é cousa por demais sabida, que, mesmo independente da copula, os testiculos trabalham desempenhando as suas duas funcções. E tanto assim é que, si nos abstivermos durante um tempo mais ou menos prolongado, havemos de ter a espermatorrhéa physiologica, que prejuizo algum produz; ou caso isto não aconteça, havemos de notar que após as micções ou mesmo após um esforço qualquer eliminamos o esperma — pro-

ducto da secreção testicular externa. E como é o trabalho que faz o orgão — está claro que os testiculos não se podem atrophiar pela abstinencia das relações sexuaes, visto como independente d'ellas, elles trabalham.

A abstinencia, dizem outros, é prejudicial, porque dá logar a que o esperma seja absorvido e vá produzir nos centros nervosos desarranjos que podem pôr em perigo a saúde do individuo. E' um engano julgar-se que as cousas se passam assim. O esperma á medida que vae sendo fabricado vae accumulando-se nas vesiculas seminaes que, quando mais ou menos cheias, o espellem para o exterior por meio das pollućões e da expermatorrhéa physiologicas — cujo fim unico e exclusivo é eliminar esse producto, cuja permanencia no organismo poder-lhe-ia occasionar desarranjos.

Como se vê não ha tempo para se effectuar essa absorpção prejudicial hypothetisada por ignorantes illustrados.

A abstinencia das relações sexuaes é prejudicial e nociva para esses individuos depravados, habituados a uma vida irregular e que se vendo privados d'ella, a substituem pelo onanismo desregrado. A esses sim — a abstinencia fazendo-os onanistas pathologicos, póde ser a causa determinante de molestias graves e até mesmo de uma terminação fatal.

Quantas e quantas vezes transformamos um vicio em uma necessidade, fazemos com que fique incluido, no rol das nossas mais imperiosas necessidades — um vicio prejudicial e nocivo ! ?

E por isto devemos considerar esse vicio como

uma necessidade physiologica sem a satisfação da qual não póde passar o nosso organismo, sem que importantes perturbações se manifestem?

Absolutamente não.

A abstinencia não é possivel não pelas razões acima combatidas, mas exclusivamente por causa do meio corrompido em que vivemos e do modo defeituoso por que somos educados.

Si desde criança (do mesmo modo que nos incutem no espirito cousas sem importancia) nos ensinassem, nos fazendo bem comprehender o que é o instincto sexual e quaes os seus fins; si nos atemorizassem os funestos resultados da prostituição e do onanismo; e si finalmente não se considerasse a castidade do homem como uma recommendação má para elle, como actualmente se faz, facil ser-nos-hia supportar a castidade, sem que para isto fossem precisos esforços sobrenaturaes.

A mulher, cujo cerebro é mais dominado que o nosso pelas imagens sexuaes, que é menos dotada de força de vontade e energia, que geralmente muito mais cêdo torna-se pubere — não supporta, não se mantem casta até o momento em que contrae uma ligação licita?

Por que motivo no homem não se dá o mesmo modo de proceder?

Sendo as mesmas as nossas necessidades e devendo ser os mesmos os nossos direitos — visto como a mulher em nada nos é inferior, sob este ponto de vista considerada — entendemos que, si é licita a existencia da prostituição da mulher para o homem satisfazer o seu appettite sexual — se deve organizar tambem uma insti-

tuição inversamente semelhante para ellas satisfazerem essa mesma *necessidade.*

E assim desappareceria a moral e mais depressa alcançaria a sociedade o tragico fim que a espera.

III

Reconhecidos os maleficos effeitos da existencia da prostituição, que devemos então fazer?

Abandonal-a completamente para que ella continue a pompear com todos os seus horrores, com toda a sua podridão, toda sua hediondez?

Reconhecel-a como instituição licita e regulamental-a? Ou reprimil-a como um dos mais terriveis inimigos da humanidade, trabalhando para o seu desapparecimento?

Abandonal-a, commetteriamos um crime, desde quando se sabe que a tendencia natural do vicio é alastrar-se num «crescendo» que tudo levará de vencida, se não se lhe oppuzermos uma forte barreira que contenha os seus impetos. Além d'isso tal se impõe, desde quando todo o cidadão tem o direito de se fazer respeitar e oppor-se a que a sua pessôa seja ultrajada com exhibições impudicas, com as scenas publicas de dissolução de costumes, com espectaculos da mais revoltante devassidão e lubricidade.

Abandonal-a, portanto, absolutamente nunca.

Reconhecel-a como instituição licita e regulamental-a — tambem nunca. A regulamentação da prostituição não extingue a immoralidade e é o maior attentado á liberdade individual que é possivel se imaginar.

A mulher regulamentada é uma escrava; privada

de todos os direitos, transforma-se em uma machina destinada exclusivamente a satisfazer o appetite sexual dos homens.

Que moral é esta que em vez de afastar a mulher do vicio, prestrar-lhe arrimo e protecção — impelle-a para o abysmo?

Como justificar este systema, segundo o qual se estygmatiza um dos culpados e se torna official uma instituição tão prejudicial e criminosa?

E' impossivel, todos sabem, a prostituição da mulher sem a coparticipação do homem que na generalidade dos casos é a sua causa directa ou indirecta; punir um, portanto, sem punir o outro — é a mais clamorosa injustiça, por issso que a repressão recae sobre a parte mais fraca.

Que resultado pode semelhante systema produzir, si são fiscalizadas somente mulheres (e em muito pequeno numero) gosando o homem de plenos direitos para contaminal-as e disseminar o mal?

Em logar de nos occuparmos das penas com que havemos de punir a mulher que se prostitue, é muito mais de justiça e aproveitavel combatermos as causas que a fazem prostituir-se.

Não, não consintamos que semelhante barbaridade seja posta em vigor e imitando o exemplo das nações civilizadas, onde é levado em consideração o direito individual, lancemos ao esquecimento tão arbitraria quão desrazoada idéa.

Sejamos humanos e luctemos em favor d'essas desgraçadas, a quem a prostituição collocou fóra dos direitos da collectividade, perdendo a mais nobre qua-

lidade da mulher «a sua egide e o seu throno, a sua corôa e o seu talisman, o seu thesouro e o seu encanto — o pudor».

Compadeçamo-nos d'ellas, (pois é de justiça assim procedermos) d'essas infelizes — cuja vida é um complexo de isolamento e miseria, de vicios e torpezas.

Criam a regulamentação baseados no direito que a sociedade tem de se proteger contra as affecções perigosas e para este fim ella regulamenta a prostituição, do mesmo modo que o faz com os cholericos, pestosos, etc., internando-os nos respectivos estabelecimentos.

Não tem, porém, valor algum semelhante argumentação, visto como está provado pelo resultado das estatisticas honestamente interpretadas, que a regulamentação não tem produzido resultados satisfactorios.

Tanto assim é que em França, onde este systema existe desde muito tempo e sob a forma mais severa, as molestias venereas grassam de um modo aterrador; ao passo que na Suissa, onde elle não existe senão em Genebra, ellas são muito menos observadas.

Para isso, a nosso ver, concorrem não só a existencia da prostituição clandestina, que não deixa de existir com a regulamentação, como ainda a imperfeição com que são feitos os exames e tratamentos.

Si assim como a policia entrega ao hospital a prostituta evidentemente doente, o hospital podesse restituil-a depois evidentemente curada, então sim, esse meio seria de algum alcance e valor. Mas isto não

se dá, nem se dará em virtude dos casos embaraçantes que se apresentam constantemente ao medico.

Figuremos um caso:

Uma mulher atacada de blennhorragia — depois do tratamento pode-se affiançar e garantir que ella está completamente restabelecida? Não se pode ainda dar o caso de em uma prostituta se desenvolver occultamente um cancro syphilitico (facto este mui communmente observado), de modo que antes de ser descoberto (pelas suas manifestações para o lado da pelle e do systema lymphatico) ella contamine a centenas de individuos?

Argumentam ainda que a regulamentação deve existir, para que innocentes esposas não sejam contaminadas e innocentemente paguem as faltas commettidas pelos maridos.

Ainda que a regulamentação produzisse os effeitos desejados — entendemos que a sociedade não tem o direito de facilitar os actos illicitos de certos individuos, tornando-os menos nocivos e perigosos, coagindo segundos para que terceiros se exponham menos a soffrer-lhes as consequencias.

O que a sociedade deve fazer é responsabilizar aquelle que praticou o acto perigoso e punil-o, se elle occasionou o mal; porque do contrario viverá em completa vergonha, enthronizará o cynismo, a infamia e procurará a sua propria ruina.

Um marido que comprehenda os sacrosantos deveres da união conjugal, que leve em consideração a sua dignidade e a de sua esposa, jamais a contaminará, equiparando-a a uma d'essas mulheres que,

despidas do casto sendal do pudor, recebem de homens de toda a especie, a peso de ouro, a deshonra e a syphilis.

O que os propagandistas de tão barbaro systema querem e acham razoavel é que um ser, em cujas veias corre sangue igual ao nosso; em cujo coração se podem abrigar os mesmos sentimentos nobres ou as mesmas paixões más; um ser, em cujo cerebro brotam ardentes aspirações de independencia e liberdade, se submetta passivamente ás suas exigencias (por mais absurdas que sejam) e que depois recolha-se resignadamente ás trevas, para que a sua presença não os incommode — a elles, que inda ha pouco não se envergonhavam de sollicitar as suas caricias!!!

Idéas semelhantes a esta só podem ser architectadas em cerebros physica e moralmente degenerados.

Essa medida, ninguem pode seriamente contestar, além de arbitraria e prejudicial, é illegal, é injusta.

E' arbitraria, porque é attentatoria á liberdade individual; prejudicial, porque está provado que é um obstaculo á regeneração das prostitutas; illegal, porque é arbitraria; injusta, porque recae sobre a parte mais fraca.

Muitos hygienistas notaveis, como Quantin, Turot e outros, consideram-na inutil sob o ponto de vista da saúde publica e immoral porque é contra a lei moral que rege as nossas acções.

Desde que ella não tem produzido os resultados esperados nos paizes que a têm instituido, como a Inglaterra, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega e a Suissa, que a aboliram, como inutil, muito melhor é

abandonal-a; porque qualquer medida que affecte de algum modo a liberdade individual, só deve ser posta em pratica, quando evidentemente reclamada, se imponha positivamente como util.

Legalizar um crime, reconhecer como licita uma instituição tão criminosa como a prostituição, é lavrar a sentença de morte da humanidade, condemnal-a a uma desorganização forçada e inevitavel.

Mas então que havemos de fazer, talvez nos objecteis, si não devemos regulamentar nem abandonar a prostituição?

Combatel-a como a um inimigo terrivel — para que ella se não desappareça de vez, pelo menos diminúa progressivamente sua intensidade.

E será este o assumpto do nosso terceiro e ultimo capitulo.

CAPITULO III

« *Medidas que se devem tomar contra a prostituição* »

Inuteis e sem resultado têm sido os meios até hoje empregados para refreiar tão perniciosa quão prejudicial instituição.

Carlos Magno — para exterminar a prostituição do seu reino, ordenou que todas as prostitutas nelle existentes fossem queimadas vivas.

O rei Roger — de Napoles, condemnava a terem o nariz cortado todas as mães que vendiam a virgindade das filhas.

Guilherme — rei de Napoles — editou a pena de morte contra todo individuo que violasse ou raptasse uma rapariga qualquer e depois a abandonasse.

Mais recentemente se lançou mão da regulamentação, como medida por excellencia para attenuar os males d'esta instituição.

E seria finalmente por demais fastidioso, si nos dispuzessemos a enumerar todas as medidas de que se tem lançado mão para alliviar a humanidade de tão terrivel inimigo.

Como já se devia esperar, porém, nenhum d'esses

meios produziu o desejado resultado, visto como todos elles, ninguem contesta, são incompletos e naturalmente inefficazes.

Não somos crianças, nem imbecis e portanto devemos muito bem vêr que um problema tão complexo, como este, não se resolve por um simples decreto governamental.

Si a prostituição nos é prejudicial, si a devassidão nos assombra, si a decadencia dos costumes nos entristece — procuremos a origem do mal e vamos combatel-o lá; pois somente assim poderemos vêr os nossos esforços coroados de algum exito e realizadas as nossas aspirações.

Para se combater a prostituição é necessario que se obtenham reformas sociaes fundamentaes; é preciso que aquelles que dirigem os nossos destinos, collocando acima de tudo o interesse da collectividade, não se deixem empolgar por uma politica desregrada que os absorve, e se dediquem com mais amôr e interesse a assumptos como este que incontestavelmente é de maxima relevancia. E' a elles principalmente que compete providenciar a este respeito, não considerando licita (como actualmente) esta instituição criminosa; mas se interessando pelo bem estar do povo, pelo futuro da nossa raça e lançando mão das verdadeiras medidas de combater na sua origem as suas causas principaes, visto como todos sabemos que «Sublata causa, tollitur effectus.»

Fazer desapparecer a prostituição (!!!) dirão muitos, é um sonho irrealizavel, uma hypothese imaginaria, uma verdadeira utopia.

Mas por que razão assim pensam? perguntamos nós. Firmados em que raciocinio emittem semelhante opinião? Não sabem, por ventura, que são por demais conhecidas as suas causas? E' bem verdade, reconhecemos, que presentemente ella é um mal quasi irremediavel — mas por isto, pensamos que não devemos julgal-a inexpugnavel, nem tão pouco relegarmos a esperança de que poderemos, trabalhando com energia e patriotismo, senão exterminal-a pelo menos diminuir a sua pavorosa intensidade.

Quando estes exercitos permanentes de prostitutas, organizados com a aquiescencia dos poderes publicos, tiverem desapparecido; quando necessidades ficticias não afastarem de uma união licita, aquelles que temem o sustento dispendioso mas compensador de uma familia; quando o povo sciente dos perigos a que se expõe servindo-se da prostituição, evital-a; quando a mulher operaria puder viver modestamente, sem que para isto seja necessario mercadejar o seu corpo, sendo o seu trabalho condignamente remunerado; quando com o resultado do seu trabalho honesto fôr dado á mulher satisfazer as suas justas necessidades; quando a instrucção fôr dada profusamente a todos,e, largamente desenvolvida, diminuir o numero de ignorantes e analphabetos; quando finalmente os direitos da mulher forem levados em consideração e punidos com a necessaria severidade os attentados ao seu pudor; — então a prostituição pouco a pouco irá diminuindo de intensidade, até completamente desapparecer e a humanidade alcançará o gráo mais elevado da sua perfectibilidade.

Como bem se pode vêr não são precisas hypotheses inadmissiveis para se chegar a semelhante fim.

Em vez de medidas de resultado nullo, que somente servem para impedir o progresso do paiz, deteriorar as suas finanças, o governo deve olhar para todas estas miserias e remedial-as.

a) Em primeiro logar elle deve acabar com a regulamentação, afim de que possa combater a prostituição como a uma instituição criminosa.

b) Proteger a honra e a dignidade da mulher punindo com o rigor necessario os attentados ao seu pudor.

c) Educal-a melhor preparando-a para, como nós, saber luctar e soffrer os revezes da sorte, e não consideral-a como um objecto de luxo, cuja arte consiste em ser hypocrita, fingida e usar de enfeites. Por demais deficiente é (pelo menos em nosso paiz) a educação da mulher. Incute-se-lhe no espirito, desde a mais tenra idade, phantasias que, sendo consideradas innocentes, são no entanto bastante prejudiciaes.

Considerando-se a funcção sexual como *uma immoralidade* — se as educa ignorando completamente os mais rudimentares principios d'esta funcção. Quantas e quantas vezes é esta criminosa ignorancia a causa da sua perdição?

Quantas e quantas vezes ainda são por esta razão arrastadas para o lodaçal do vicio?

Com o systema adoptado para a educação da mulher — criam-se, não um individuo capaz de luctar contra as vicissitudes da sorte, mas uma *bonequinha* incapaz de tudo, que dispõe exclusivamente dos seus dotes naturaes para sua felicidade ou para sua desgraça.

Eduquemos melhor a mulher transformando-a em elemento mais aproveitavel e util á sociedade.

d) Organizar melhor a occupação do sexo feminino, para que o seu serviço condignamente remunerado lhe produza o bastante para a satisfação das suas justas necessidades.

e) Proteger o proletariado feminino, procurando desenvolver-lhe o mais possivel a actividade e aproveitando-o em todas as profissões e empregos compativeis com o seu sexo para assim evitar-lhes a miseria — causa primordial da existencia da prostituição.

f) Instruir o povo por conferencias publicas, artigos de jornaes, sobre os perigos da syphilis e das demais molestias venereas, no individuo, na familia e na sociedade, para que todos conheçam o que é a prostituição e a quanto se expõem os que d'ella se servem.

E' geralmente o espirito de imitação que arrasta a mocidade para os lupanares.

Se os paes, em tempo, lhes explicassem (deixando de parte este pudor criminoso) o que são as relações sexuaes, quaes os seus fins, se os atemorizassem com os funestos resultados da prostituição, poderiam afastal-os em sua maioria de tão grave perigo.

g) Se occupar melhor da educação publica — entregando-a a competentes, de idoneidade moral reconhecida que saibam cumprir com os seus deveres e remuneral-os condignamente, para que elles revoltados não se vinguem (como actualmente fazem) abandonando o ensino e privando-o a crianças innocentes, nenhuma importan-

cia ligando á educação da mocidade transformando, muitas vezes até, a escola em uma instituição negativa.

A escola em nosso paiz, ao envez de ser uma instituição util é, pelo contrario, uma cousa amorpha.

Eis uma verdade cruel, mas infelizmente uma verdade. Quem dera que podessemos estar enganados!!!

Quem dera que proferissemos uma mentira, assim nos exprimindo!!!

E' em muitas escolas e collegios de educação e ensino que as crianças se perdem, que se lhes desperta idéas e costumes reprovados, que muitas vezes até as transformam em verdadeiros pervertidos sexuaes. E tudo isto, devido ora á incuria d'aquelles que as dirigem, ora á fraqueza propria da natureza e ainda á vagabundagem de muitos.

h) Compete ainda aos que governam amparar estas criancinhas, que nascem e vivem nos bordeis, tomal-as e protegel-as, porque principalmente se prostituem grande numero d'ellas. Afastal-as de semelhante meio, de tão prejudicial convivencia e educal-as em asylos, pensionatos subvencionados para este fim. Poupem a estas infelizes a desgraça da prostituição e os bemfeitores d'esta obra de patriotismo terão os applausos de sua consciencia e as bençãos e hymnos da posteridade.

i) Compete-lhes ainda crear asylos de educação para as raparigas desvalidas — para que assim afastadas do vicio e das companhias más possam viver felizes e honestas; collegios de regeneração para os que hajam cahido em falta e não reincidirem para que

não procurem na prostituição o remedio para o seu crime; asylos de retiro para as meretrizes arrependidas.

j) E finalmente adoptar quantos meios possam desviar a mulher da prostituição e restituil-a á dignidade pessoal.

A ancora da salvação da sociedade está em nossas mãos; não consintamos, portanto, que a humanidade se esphacele, recomponhamol-a.

PROPOSIÇÕES

Anatomia descriptiva

I. O utero, orgão da gestação, está situado na escavação pelviana, entre a bexiga para deante e o recto para traz.

II. Está mantido em posição por 6 ligamentos, symetricamente dispostos: 2 lateraes, *os ligamentos largos;* 2 anteriores, *os ligamentos redondos;* 2 posteriores, *os ligamentos utero-sacros.*

III. Affecta a forma de um cone achatado de deante para traz e cuja base está dirigida para cima.

Histologia

I. O utero é constituido por 3 tunicas, sendo uma sorosa, uma muscular e uma mucosa.

II. Examinando-se este orgão nos dias que precedem a menstruação, nota-se: que elle está augmentado de volume, que sua mucosa se apresenta muito mais espessa, que os seus vasos estão dilatados e que o chorion se apresenta infiltrado de leucocytos.

III. A membrana mucosa do utero, que não é outra cousa que uma continuação da da vagina atravez do collo é séde, geralmente, nas prostitutas de importantes e notaveis modificações.

Bacteriologia

I. A epoca da puberdade colloca o organismo da mulher em estado favoravel ao desenvolvimento de muitos agentes pathologicos.

II. A marcha da tuberculose, por exemplo, fóra do periodo da puberdade é geralmente lenta.

III. E' o «*Triponema pallido de Schaudin*» o germem considerado responsavel pela syphilis.

Anatomia e physiologia pathologicas

I. Entende-se por hematoma vulvo-vaginal um derramamento sanguineo infiltrado ou collectado no tecido cellular da vulva e da vagina.

II. O volume d'este tumor é muito variavel, e o seu conteúdo é constituido por coagulos ennegrecidos mais ou menos alterados.

III. Não é raro observar-se este tumor nas prostitutas, devido ao excesso das relações sexuaes.

Physiologia

I. E' bastante variavel a idade em que se manifesta a puberdade na mulher, dependendo principalmente da organização individual e da influencia do clima.

II. A menstruação é o signal da manifestação da puberdade na mulher.

III. Esta funcção é geralmente viciada e irregular nas meretrizes.

Therapeutica

I. O mercurio é o tratamento especifico no tratamento da syphilis.

II. O atoxil e outros muitos que se tem empregado — absolutamente não produzem resultados tão satisfactorios quanto elle.

III. So se deve lançar mão d'esses outros quando o individuo apresenta symptomas de intoxicação mercurial, ou quando não pode absolutamente tolerar o mercurio.

Medicina legal e Toxicologia

I. A questão de saber si uma mulher é ou não virgem é uma das mais difficeis que apresenta a sciencia.

II. A existencia do hymen intacto não constitue prova cabal da existencia da virgindade, por isto que se o tem encontrado em muitas prostitutas.

III. A presença do hymen intacto em algumas prostitutas e em senhoras casadas ha algum tempo — se pode explicar ou pela largura anormal do orificio hymenal, ou pela existencia de pregas que se distendem durante a copula, voltando depois ao seu estado primitivo.

Hygiene

I. E' muito raro se encontrar prostitutas que levem em consideração os preceitos da hygiene, mesmo da individual.

II. Sob o ponto de vista hygienico se deve considerar a regulamentação da prostituição como uma medida inutil e sem valor.

III. Como medida por excellencia para se obter a hygiene social se deve exterminar a prostituição.

Pathologia cirurgica

I. Chama-se varice a dilatação permanente e morbida de uma veia.

II. O desenvolvimento das varices é facilitado por todas as causas mechanicas que embaraçam a circulação de retorno.

III. As varices, que, em estado de dilatação mediocre, nada mais produzem que pequenos incommodos, podem, quando adquirem um volume maior, tornarem-se a causa determinante de accidentes mais ou menos graves.

Operações e apparelhos

I. A uretrotomia é a operação que consiste na incisão da urethra.

II. Esta operação é feita com apparelhos apropriados chamados uretrotomos, dos quaes é mais geralmente empregado o de Maisonneuve.

III. Deve ser feita com os cuidados da asepsia a mais absoluta.

Clinica cirurgica (1.ª CADEIRA)

I. Cystite é a inflammação aguda ou chronica da bexiga.

II. A bexiga inflamma-se geralmente pelo effeito da penetração em sua cavidade de um microbio virulento.

III. Si bem que seja a causa acima mencionada, a mais constantemente observada, existem porém outras, como o catheterismo septico, os traumatismos, as injecções irritantes, etc., que devem tambem ser incluidas no rol dos agentes productores da cystite.

Clinica cirurgica (2.ª CADEIRA)

I. Entende-se por hydrocele a hydropsia da vaginal.

II. São causas da hydrocele todas as irritações da serosa vaginal.

III. A transparencia do tumor é o principal elemento para o diagnostico differencial com a hematocele e outros tumores do scroto e do testiculo.

Pathologia interna

I. A febre amarella, tambem chamada *vomito negro* e *mal do Sião* — é uma molestia infecciosa, epidemica e contagiosa produzida pelo bacillo de Sanarelli.

II. O seu periodo de incubação varia de 3 a 4 dias.

III. A sua duração varia de 4 a 8, sendo quasi sempre funesto o seu prognostico.

Clinica propedeutica

I. O especulo é um apparelho muito empregado para o exame inspeccional dos orgãos genitaes da mulher.

II. A auscultação e a percussão são dos processos propedeuticos os de mais valor pratico.

III. Os outros dois se bem que tenham algum valor para o diagnostico de certos estados pathologicos, não se podem, porem, comparar com os dois citados.

Chimica medica

I. O permanganato de potassio, que é um desinfectante muito empregado, é um sal que se obtem tratando o manganato de potassio por um acido qualquer.

II. Se apresenta geralmente sob a forma de palhetas crystalinas e vermelhas de brilho metallico.

III. A solução d'este sal é um dos melhores desinfectantes conhecidos.

Historia natural

I. A ordem dos bimanos encerra um só genero e uma só especie — o homem.

II. O desenvolvimento da sua intelligencia e a faculdade do raciocinio, collocam-no acima de todos os outros seres animaes.

III. A differença de côr e de conformação exterior, distinguem os typos das diversas raças humanas.

Materia medica, Pharmacologia e Arte de formular

I. Poção é um medicamento liquido, magistral, destinado ao uso interno.

II. Pode-se collocar em 6 grupos as substancias que entram em sua composição: a substancia activa ou base, a adjuvante, o vehiculo ou excipiente, a intermediaria e a correctiva.

III. A quantidade de uma poção nunca deve exceder a 150 grammas, por causa da facilidade com que ella se altera.

Clinica medica (1.ª CADEIRA)

I. Pleuresia, que não é outra cousa que a inflammação da pleura, pode ser aguda ou chronica, secca, com derramamento seroso, purulento ou hemorrhagico, tuberculosa ou devida a agentes microbianos diversos.

II. A pleuresia tuberculosa primitiva é caracterizada pela presença quasi exclusiva de lymphocytos.

II. Os eozinophilos são tambem encontrados no derrame, desde os primeiros dias da molestia.

Clinica medica (2.ª CADEIRA)

I. O rachitismo é uma molestia da infancia caracterizada por uma nutrição e uma evolução viciosas dos tecidos que concorrem á ossificação.

II. E' provavel que a falta de calcificação dos ossos rachiticos ou a demora desta calcificação —

provenha do facto do organismo não receber ou assimilar satisfactoriamente os materiaes que servem para formar o phosphato de calcio.

III. A pathogenia do rachitismo, se bem que tenha sido durante muito tempo, assumpto de trabalhos notaveis, não está, porém, ainda elucidada.

Obstetricia

I. As funcções secretoras e excretoras do feto são pouco desenvolvidas, em virtude da fraca intensidade dos phenomenos de assimilação e desassimilação.

II. Bacia viciada é aquella que apresenta modificações nos seus diametros, sendo a viciação mais commum a do diametro antero-posterior.

III. As causas mais frequentes d'esta viciação são o rachitismo e a osteo-malacia.

Clinica obstetrica e gynecologica

I. Versão é a operação que consiste na transformação de uma apresentação fetal em outra.

II. Existem duas especies de versão: a versão cephalica e versão pelvianna.

III. A anesthesia chloroformica deve ser empregada toda vez que se tiver de praticar a versão.

Clinica pediatrica

I. O «mal vertebral de Pott» — comprehende todas as affecções inflammatorias ou tuberculosas da columna

vertebral, podendo se acompanhar de gibosidade, de paralysia, e de abcessos por congestão.

II. Distingue-se na evolução anatomica d'esta molestia dois periodos, um de amollecimento e destruição, o outro de reparação ou de marasmo.

III. Esta molestia pode terminar-se por 2 modos: ou a dor local desapparece, os accidentes dependentes da compressão da medula cessam e a cura é definitiva, porém, acompanhada de ankylose e de gibosidade mais ou menos pronunciada; ou sobrevem a morte, quer por cachexia, quer por septicemia, quer emfim por myelite e compressão da medula.

Clinica ophthalmologica

I. Entende-se por ophthalmia blenorrhagica a ophthalmia aguda produzida pelo contacto directo, com a conjunctiva, do puz blenorrhagico.

II. E' geralmente uma affecção grave— por isto que pode produzir alterações da cornea, seu amollecimento e sua perfuração.

III. E' muito contagiosa e se acompanha de uma violenta inflammação da conjunctiva e de uma supuração abundante.

Clinica dermothologica e syphiligraphica

I. A pelada é uma alopecia de marcha rapida que se apresenta geralmente sob a forma de placas e que pode terminar pela queda dos pellos de todo o corpo.

II. A etiologia d'esta molestia ainda não está assentada: para uns se trata de uma affecção parasitaria e contagiosa; para outros, de uma perturbação tropho-nevrotica.

III. Thibierge distingue 3 formas principaes de pelada: a seborrheica, a essencial da infancia e a tropho-nevrotica.

VISTO

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1909.

O Secretario,

Dr. Menandro dos Reis Meirelles.